

Ecologia e sua perspectiva religiosa

Ecology and its religious perspective

Richard Alves Santa Rosa¹

Resumo. Este artigo é uma reflexão sobre algumas questões ecológicas e teológicas que fazem referência ao tratamento que a humanidade tem dado ao planeta. O objetivo, pois, é desenvolver uma maneira teológica de compreender a natureza, bem como uma análise da nova concepção de ser humano. Divide-se este artigo em duas partes sendo que, na primeira, busca-se reconhecer que a terra é um superorganismo vivo que combina todos os elementos necessários para manutenção da vida. Na segunda, analisa-se o planeta a partir da sustentabilidade global que só será garantida mediante o respeito a seus ciclos naturais e consumindo com racionalidade os recursos disponíveis.

Palavras-chave: Ecologia, Fé, Criação.

Abstract. This article aims to reflect on the ecological and theological questions that make reference to the treatment of the planet. The aim of this paper is to develop a different way of understanding the nature as well as a new conception of the human being. The article is divided into two parts, with the first seeks to recognize that the Earth is a living super-organism that combines all the elements needed to sustain life. The second analyzes

Artigo recebido em: 9 març. 2017

Aprovado em: 21 dez. 2017

¹ Richard Alves Santa Rosa é Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Claretiano. Bacharel em Desenvolvimento de Sistemas para Internet pela Faculdade Pitágoras. Pós-graduado em Aconselhamento Pastoral pela Faculdade Batista do Paraná. Pós-graduado em Teologia Sistemática pela Faculdade Batista Mineira. Pós-graduado em Engenharia de Software Centrado em Métodos Ágeis pela Faculdade Una. Pós-graduação Teologia do Novo Testamento Aplicado pela Faculdade Batista do Paraná. Mestrando pela Faculdade Unida de Vitória. richardsantarosa1@yahoo.com.br

the planet from global sustainability will be guaranteed only by respecting their natural cycles consuming rationally the available resources.

Keywords: Ecology, Faith, Creation.

Introdução

Este estudo visa demonstrar as transformações ecológicas e teológicas sobre o relacionamento do homem com o planeta, a partir das contribuições abordadas pelos teólogos Jürgen Moltmann e Leonardo Boff. Tendo em vista que, a humanidade e o planeta Terra vivem momentos dramáticos, devido séculos de irresponsável exploração dos bens e serviços da natureza em função do enriquecimento e consumo humano que atingiram as bases físico-químicas que sustentam a vida. O aquecimento global é apenas um dos sintomas que demonstra que o planeta esta doente, assim sendo, visou-se criar as condições para a revitalização da terra, para que ela continue a fornecer tudo àquilo que a humanidade necessita para sua sobrevivência, para isso é necessário mudar a mente no sentido de perceber interdependência de todo o sistema ambiental, caso contrário, ao invés de uma crise de civilização podemos conhecer uma tragédia de proporções jamais vistas. Esse tema objetiva alimentar a esperança de que podemos garantir um futuro bom para o planeta e todos os seus habitantes.

1. Nova ordem ecológica mundial

Todos os acontecimentos catastróficos naturais que estão acontecendo levam a crer que o clima da terra tem se alterado drasticamente como consequência da ação humana. As calotas polares têm derretido mais rapidamente, os níveis do mar têm subido, ilhas estão desaparecendo, aumenta o período da seca e crescem também os desertos. Por causa dessa modificação da terra, é necessário, pois desenvolver nova forma de compreender a natureza, bem como criar nova concepção de ser humano, para que, assim, possa surgir nova maneira de experimentar Deus em nossa cultura. A terra pode viver sem os

seres humanos e tem, de fato, feito isso há milhões de anos; mas a humanidade não pode viver sem a terra, assim, toda concepção realista do ser humano deve começar com uma atitude de gratidão com o planeta.

Diante desse cenário, é necessário que todas as pessoas assumam práticas humanizadoras que possam trazer o equilíbrio à vida natural, exatamente o contrário do que se pensou até há pouco tempo. Há bens naturais limitados e, em muitos casos, incapazes de se regenerarem; desta maneira, a natureza se deteriora cada vez mais.

As grandes transformações históricas culturais ocorridas nos últimos séculos como: revoluções políticas e tecnológicas foram responsáveis pelo aumento dessa exploração ambiental. Atualmente algumas consequências oriundas dessas intervenções no ecossistema são irreversíveis. Diante, pois, de diversas questões ecológicas, a teologia também foi questionada sobre sua posição ante os textos bíblicos sobre a criação e a postura daí advinda.

Este artigo, portanto, visa refletir teologicamente sobre a crise ecológica e suas vertentes, abordando as contribuições oferecidas pelo teólogo brasileiro Leonardo Boff e o teólogo Alemão Jürgen Moltmann² na obra de autoria de ambos: *Há esperança para a criação ameaçada?*. Ambos os autores são dois dos mais importantes teólogos vivos do cristianismo exercendo influência tanto dentro, como fora do âmbito da igreja. Convém lembrar que ambos os autores se baseiam em outros escritores como Karl Barth, Bernstein, Bauer³.

² Leonardo Boff foi professor de teologia no Instituto franciscano de Petrópolis. Coordenou as publicações religiosas da Editora Vozes. Professor de ética e filosofia da religião na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor visitante de várias Universidades estrangeiras publicou mais de 70 livros, alguns premiados no Brasil e no estrangeiro. Jürgen Moltmann é teólogo protestante Alemão ficou conhecido pelo livro *Teologia da esperança* teve sua teologia fundamentada pela experiência de prisioneiro de guerra em campos de concentração.

³ Karl Barth foi um dos mais destacados teólogos protestantes que já existiu, celebrou-se como criador da teologia dialética do século XX que ressalta o sentido existencial do cristianismo e o reintegra em sua base bíblica, de doutrina da revelação e da fé, marcando profundamente o pensamento de Moltmann (Cf. MOLTSMANN, *Ciência e sabedoria*, 2007 p. 12).

Neste artigo, incluem-se também alguns temas Cristológicos e pneumatológicos, tendo também como destaque outras obras dos autores referências. Em Jurgem Moltmann: *Ciência e Sabedoria; A vinda de Deus; O futuro da criação; No fim, o início, um breve tratado sobre a esperança*. Em Leonardo Boff; *Ecologia grito da terra, grito dos pobres; A trindade e a sociedade*.

A seguir será evidenciado o problema da cultura humana e sua integração com a natureza da terra de forma diferente daquela que se deu no paradigma da modernidade.

2. O mundo e o sagrado

A doutrina da criação⁴ atribui a existência do mundo a Deus como sua origem, passando da realidade de Deus para a existência de um mundo. Isso acontece por meio da concepção de um agir de Deus. Neste ponto da criação, o homem se encontra no mesmo nível de igualdade, tornando-se apenas uma parte do todo. Para Moltmann, como houve no cristianismo a perda da espiritualidade da criação⁵ toda a obra de Deus subordina-se aos valores e desejos humanos.

⁴ Segundo Moltmann, A criação no início é claramente uma criação sem pressupostos. A expressão *creatio ex nihilo* deve significar a liberdade do criador e a contingência do ente: tanto sua contingência inicial quanto sua permanente contingência fundamental. O criador cria da necessidade interna do seu amor. MOLTSMANN, Jurgem. *Ciência e sabedoria: um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Loyola, 2002. p.12.

⁵ A ideia da criação desenvolveu-se em Israel como aplicação da fé salvífica no Deus da aliança que escolhe e age na história, ao começo de todo acontecimento: “O início dessa história de Deus foi agora pré-datada até a criação”. Essa opinião foi atacada com argumento de que, antes, Israel sempre já teve participação “na concepção da criação e mundo do antigo oriente e entendeu sua experiências específicas na história e com Deus sobre este pano de fundo”. PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 69.

Contudo, com a era ecológica, também chamada de era Ecozoica⁶, passa-se pelo início de nova civilização que somente será consolidada se transformações fundamentais ocorrerem nas mentes das pessoas e nos padrões de relação para com toda a natureza. Isso requer novo sentido de interdependência global e de responsabilidade universal onde se deve desenvolver e aplicar com imaginação a visão de um modelo de vida sustentável nos níveis: local, nacional e internacional. Neste ponto, uma doutrina ecológica da Criação pode servir como base para uma ética ecologicamente sensível.

Para inaugurar nova aliança com a terra é necessário, segundo Boff e Moltmann, resgatar a dimensão do sagrado sem o qual a afirmação da dignidade da terra e do limite a ser imposto ao desejo de exploração e de suas potencialidades permanece em retórica sem efeito, uma vez que o sagrado constitui uma experiência fundadora que consolidou as culturas no passado e a própria identidade profunda do ser humano.

Assim, o modelo de civilização que implicou sistematicamente a agressão à terra foi devido à perda da experiência do sagrado que hoje se torna refém da vasta profanidade que perdeu a consciência de sua origem, reduzindo o universo a uma realidade inerte, mecânica e matemática, e a terra a um simples armazém de recursos entregues a disponibilidade humana.

A crise ecológica não é só filha das tecnologias utilizadas para a depredação da natureza, nem das ciências naturais que os seres humanos utilizaram para se converterem em donos da natureza. Ela se fundamenta no afã humano para a conquista do “poder”. Com esta perspectiva, a ecologia se transformará em uma técnica de simples gerenciamento da voracidade

⁶ Era Ecozoica significa colocar o ecológico como a realidade central a partir da qual se organizam as demais atividades humanas, principalmente a econômica, de sorte que se preserve o capital natural e se atenda as necessidades de toda a comunidade vida presente e futura. Disso resulta um equilíbrio em nossas relações para com a natureza e a sociedade no sentido da sinergia e da mútua pertença deixando aberto o caminho para frente. BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres?* São Paulo: Vozes, 2015. p.13.

humana, por isso, é necessária uma trégua para que a terra se refaça das destruições recebidas, e, para isso, o passo a ser dado é, portanto, a recuperação da dimensão do sagrado da terra.

Para Leonardo Boff⁷,

O sagrado não é uma coisa, é uma qualidade das coisas. É aquela qualidade que de forma compreensível nos toma totalmente, fascina e fala no profundo do nosso ser e nos dá a experiência imediata de respeito de temor e de veneração.

A antropologia da era moderna tornou-se um obstáculo para a concepção de gratidão para com a natureza devido a suas interpretações modernas dos relatos da criação, pois tais textos se encontram enraizados no inconsciente e no subconsciente do homem moderno ocidental. Na avaliação de Moltmann⁸,

a moderna forma de ler a Bíblia o ser humano é a “coroa da criação”. Apenas o ser humano foi criado como imagem de Deus e com a vocação para governar sobre a terra e todos os demais seres vivos: “[...] sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e todo animal que rasteja pela terra” (Gn. 1,28). De acordo com o Sl. 8,6 Deus deu ao ser humano “[...] domínio sobre as obras de tua mão e sobre seus pés tudo puseste”. Por conta disso o ser humano deveria subjugar a terra e as demais criaturas como um faraó. No Segundo relato da criação o ser humano deveria antes cuidar e preservar como um jardineiro do Jardim do Éden. Isto soa como algo ameno e cuidadoso. Em ambos os relatos da criação o ser humano é descrito como o sujeito, enquanto que a terra juntamente com seus habitantes, é mostrada como objeto. Trata-se aqui da “famosa posição especial do ser humano no cosmo”.

O ser humano, como imagem de Deus, é visto como substituto e representante de Deus na terra, contudo, para a

⁷ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2015. p.263.

⁸ MOLTSMANN, Jurgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* São Paulo: Vozes, 2014. p.21.

concepção da doutrina ecológica da criação, pensada por Boff e por Moltmann, o ser humano deve ser entendido como parte da criação, já que, de acordo com a tradição bíblica, Deus não soprou o seu Espírito vivificante somente sobre o homem, mas sobre todos os seres criados,⁹ como também nos ensina o Antigo Testamento: “Se ocultas o rosto, eles se perturbam. Se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra” (Sl. 104:29-30).

A partir desta concepção de uma doutrina ecológica da criação, podem-se compreender, com Moltmann e Leonardo Boff, que a imagem de Deus se encontra tanto no ser humano quanto nas demais criaturas, nas quais o Espírito divino também habita¹⁰.

Assim, o ser humano e a natureza estão intrinsecamente relacionados e participam das mesmas aflições, mas também da esperança comum de redenção.

Observa-se que o Apóstolo Paulo ouviu os gemidos pela libertação do corpo (Rm. 8:23), mas ele ouviu também os gemidos de toda a criação ao redor (Rm. 8:22). Deve-se perceber uma lógica perversa e inimiga da vida que é a vontade de acumular bens materiais de forma ilimitada à base de uma sistemática exploração do ecossistema, ou mesmo, a exploração de pessoas e classes que submete os pobres aos interesses de poucos países, depredando e espoliando suas riquezas naturais, sem solidariedade para com o restante da humanidade e para com as gerações futuras.

Busca-se, nos dias atuais, a erradicação da pobreza, com acesso à água potável, ao ar puro e à segurança alimentar e à construção de sociedades democráticas, sustentáveis e justas que são princípios expressos pela *Carta da Terra*¹¹, um

⁹ MOLTSMANN, 2014, p.17.

¹⁰ MOLTSMANN, 2014, p.81.

¹¹ É uma espécie de código de ética planetário, semelhante à Declaração Universal dos Direitos Humanos, só que voltado à sustentabilidade, à paz e à justiça socioeconômica. Idealizada pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, em 1987, ganhou impulso na Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. O documento ficou pronto no ano 2000, foi traduzido para 40 idiomas e atualmente é apoiado por 4,6 mil organizações ao redor do mundo, inclusive no Brasil. A Carta contém 16 princípios básicos agrupados em quatro grandes tópicos:

documento que defende a promoção de uma cultura de tolerância e não violência e a distribuição equitativa dos recursos da Terra. Tal documento faz-nos a seguinte e severa advertência:

Estando diante de um momento crítico da história da terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. A escolha é essa: ou formar uma aliança global para cuidar da terra e uns dos outros, ou arriscamos a nossa destruição e a destruição da diversidade da vida “Preâmbulo” (Carta da Terra, 1987)¹².

Uma maneira de se colocar em prática os valores da *Carta da Terra* é disseminar seu conteúdo entre amigos, familiares e comunidade e pressionar governo, empresas, escolas e demais organizações da sociedade civil a se guiarem por seus princípios.

O próximo tópico abordará nova visão da doutrina ecológica da criação partindo do princípio de que a terra é nossa pátria.

3. Subjugar a Terra

Para Moltmann, a teologia moderna¹³ inspirada no primeiro relato da criação viu sempre na terra apenas algo que o ser humano pudesse subjugar.

Já uma doutrina ecológica da criação parte do princípio que a terra é a nossa pátria, uma vez que a humanidade é parte de um universo que está em constante processo de expansão. A terra oferece um ambiente vivencial para

respeitar e cuidar da comunidade de vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, violência e paz.

¹² MOLTSMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. Há Esperança para a criação ameaçada? São Paulo: Vozes, 2014. p. 71.

¹³ Teologia moderna característica do século vinte e um visa entender o ser humano pelas suas conexões e pelos contornos nos quais ele aparece e pelos quais ele vive: como o surgimento do cosmo, a evolução da vida e da história da consciência. MOLTSMANN, 2007, p.24.

uma comunidade peculiar e variada de seres vivos, assim deve-se proteger a terra na sua pluralidade e beleza¹⁴.

Para destruir a terra, o ser humano tem de degradá-la a objeto, o qual é analisado cientificamente e dominado tecnicamente¹⁵. Entretanto, a partir da concepção ecológica houve uma mudança significativa em nossa forma de olhar o planeta e em nossa relação com ele. “Magna Mater, Pacha Mama, um superorganismo vivo, chamado Gaia, que combina todos os elementos físicos, químicos e biológicos para manter-se apta a produzir e reproduzir vida, mas que é finita¹⁶”.

Assim, é necessário resgatar o princípio da religação em que todos os seres são interdependentes e a expressão da vitalidade do todo, o sistema terra. Dessa forma, todo homem tem um destino compartilhado e comum, pois a sustentabilidade global só será garantida mediante o respeito aos ciclos naturais, consumindo com racionalidade os recursos não renováveis, deste modo, valoriza-se a biodiversidade, pois é ela que garante a vida como um todo.

A terra cria as condições ideais para o surgimento da vida e gera outros organismos biológicos, por isso, a humanidade não deve se postar diante dela como sujeito, mas, em sua dignidade, parte da terra e membro da comunidade das criaturas terrenas. Por esse motivo, chegou o tempo de colocar a santidade da terra no centro e, em um ato consciente, integrar-se na comunidade terrena visando à sustentabilidade consciente.

A seguir será apresentada uma visão prática da doutrina ecológica da criação que teve seu início na Europa, após a Segunda Guerra Mundial.

¹⁴ MOLTSMANN, 2014, p.33.

¹⁵ Em 22 de abril de 2009, a Assembleia Geral da organização das nações Unidas (ONU) acolheu por unanimidade a ideia de chamar a terra de Mãe Terra, tendo o apoio dos teólogos Leonardo Boff e Moltmann em várias obras dentre elas: *Há esperança para criação ameaçada; Ciência e Sabedoria* de Moltmann e *Tempo de transcendência de Leonardo Boff*. Editora Vozes, 2014.

¹⁶ BOFF, 2014, p.81.

4. Teologia política da natureza

A teologia política¹⁷, desenvolvida na Alemanha, especialmente por Moltmann e Johann Baptist Metz, surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, no início dos anos 60. Uma vez que o pavor provocado pela omissão das igrejas durante a ditadura de Hitler fez necessária uma forte responsabilidade política dos cristãos.

A teologia política tem como foco desenvolver os conteúdos sociais e políticos da mensagem cristã evidenciando a relação entre teologia e prática.

Em 1972 veio a público o primeiro relatório do clube de Roma sobre o estado da natureza da terra. Esta data marcou o início da percepção da crise ecológica pela consciência pública. Para a teologia política e a teologia da libertação a terra atormentada tornou-se o terceiro objeto da teologia, ao lado das pessoas politicamente humilhadas e das economicamente exploradas¹⁸.

A crise ecológica engloba toda a civilização moderna, técnico-científica e não somente uma crise por recursos naturais, mas uma crise moral e religiosa; por isso, a teologia ecológica esforça-se por respeitar a mística cósmica e respeitar Deus na natureza, visando conseguir uma política ambiental cuidadosa.

Observa-se que a moderna cultura de dominação e a crise ecológica que ela provocou tiveram sua origem no cristianismo, tendo, como ponto de partida, a determinação bíblica “Enchei a terra e sujeitai-a” (Gn.1:28), seguida de sua destinação bíblica para imagem de Deus (Gn.1:26).

Ambas as destinações têm contribuído com um atual antropocentrismo da cultura ocidental moderna. Essa determinação do escrito sacerdotal não foi, na história da tradição, lida no contexto de textos mais antigos, como o

¹⁷ Conforme Moltmann a teologia política levantou sua voz crítica ante as questões abertas da sociedade, fazendo interfaces com a teologia da libertação que surgiu na América Latina. MOLTSMANN, 2014, p.61.

¹⁸ MOLTSMANN, 2014, p.52.

javista¹⁹ que interpreta esse “domínio” como “construir e preservar”, ou de outros textos veterotestamentários, mas relacionou todos os textos posteriores a esse único texto da criação. Isso resultou em uma ênfase unilateral da posição privilegiada do homem no cosmos: o homem é sujeito do domínio, todas as outras criaturas se lhe submetem e são seus objetos. Seu domínio sobre a terra foi entendido como legitimação de sua semelhança divina. Para Moltmann²⁰:

Segundo o modelo de comunicação e cooperação, a natureza não é mais o objeto subjugado do homem, mas uma relação de sistemas vivos abertos com subjetividade própria. A fase cartesiana de objetividade da natureza esta cientificamente esgotada e não produz mais conhecimentos novos. O conhecimento de sistemas abertos complexos no ambiente exige um modelo da teoria de comunicação. Dois sujeitos com subjetividade livremente diferente entram em inter-relação, oferecendo resultados tais que o homem com respeito a seu parceiro “ambiente”, não tem o direito de fazer o que poderia fazer.

No livro *Há esperança para a criação ameaçada*, Moltmann critica o *Discurso do Método* criado em 1692 por René Descartes²¹, uma vez que, a partir desse método, o ser humano se tornaria senhor e proprietário da criação por meio da ciência e da técnica, dividindo o mundo entre a *res cogitans* do espírito humano e a *res extensa* da natureza. O espírito reflexivo (pensante) vê na natureza apenas o objeto de extensão mensurável. A redução do conhecimento da natureza

¹⁹ Redação javista é o conjunto dos capítulos integrando números e elementos, a tradição javista ressalta e a eficácia de Judá que recebera a realeza. BIBLIA teb, p.73.

²⁰ MOLTSMANN, 2007, p.70.

²¹ Em Descartes, *res cogitans* ('coisa pensante') é o sujeito pensante, que encontra obstáculo numa *res extensa* ('coisa extensa') que é o corpo, a realidade deste mesmo ou a matéria. Na perspectiva de Descartes, a realidade comporta dois aspectos: o extensivo e o qualitativo. Um objeto é um corpo que se caracteriza pela extensão, pelo movimento e também por um complexo de qualidades sensíveis. Mas só a extensão e o movimento têm realidade objetiva, ou seja, existem independentemente do sujeito. PANNENBERG, 2009 p.93.

e a mera metrificação acabaram por se converter em um dos fundamentos da moderna ciência natural. O restabelecimento do domínio humano do mundo pela ciência natural e pela técnica deve tornar o homem novamente a imagem e semelhança de Deus na terra, assim pode-se reconhecer em Descartes a fatídica inversão do pensamento bíblico que com o impulso da técnica resultou hoje na crise econômica mundial.

Segundo concepção bíblica, Deus, através de seu Espírito e de sua sabedoria, está presente em todas as coisas criadas, uma vez que, Pai, Filho e Espírito vivem em uma comunhão toda especial um com o outro, assim também Deus está na criação e a criação está em Deus²², assim a comunhão divina plenifica o mundo. Para Moltmann²³:

Creatio ex nihilo transcreve, de modo negativo, o motivo positivo da criação a partir do agrado de Deus, o criador cria da necessidade interna de seu amor, algo que lhe corresponde e lhe agrada. Por isso a criação tem sentindo em sua contingência, essa fundamentação a torna agradável e digna de amor para além de “acaso e necessidade”.

Para a fé cristã, Cristo é o verdadeiro homem e a imagem de Deus na terra, por isso lhe foi dada autoridade no céu e na terra (Mt. 28:18). Mas ele não veio para dominar, mas para servir, a fim de libertar para a comunhão com Deus, assim é necessário novo modelo de interpretação, libertando a terra pela comunhão com ela, pois, segundo as cartas aos Romanos, capítulo 8, a criatura escravizada aguarda a revelação da liberdade dos filhos de Deus, para se libertar a si mesma.

No próximo tópico discute novo modelo de conscientização comunitária sustentável.

²²Há os que falam da presença sacramental de Deus na natureza, outros falam da natureza como uma parábola de Deus to dos leem a natureza como sendo a sabedoria de Deus e desenvolvem com isso uma nova teologia natural. Todas as coisas naturais tem um lado transcendental. Isto faz com que nossas experiências com elas se convertam em experiência: com Deus: Deus nos espera em todas as coisas. MOLTSMANN, Jurgen; BASTOS, Levy. *O futuro da criação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011. p.53.

²³MOLTSMANN, 2007, p.58.

5. Ambiente comunitário

Em 1972, surgiu o termo ecológico “meio ambiente²⁴”, lugar que deve ser protegido. Com isso, foram instituídas pastorais do meio ambiente pelas igrejas e ministérios do meio ambiente por parte dos governos. Entretanto, não havendo a conscientização de que a natureza, na qual se vive, é também o meio ambiente para milhares de seres vivos, foi proposto em 1970 que ao invés de “meio ambiente”, usar-se-ia a expressão “ambiente comunitário”. Por causa dessa mudança na terminologia o código de defesa dos animais de 1986 qualificou os animais como companheiros da criação, além de reconhecer-lhes sua dignidade, tornou-se uma consequência positiva dessa mudança. Para Moltmann²⁵

Ambiente comum (*Mitwelt*) é, entretanto, apenas um conceito artificial do meio ambiente chegar a natureza. Sou a favor de que retornemos ao conceito antigo e por todos compreensivos da natureza, tanto na percepção quanto no aspecto normativo. Não é a pessoa humana que é a medida de todas as coisas, mas sim a natureza. Disso resultou naturalmente, tal qual foi formulada na carta do Rio de Janeiro em 1992: Toda a forma de vida é peculiar e tem independentemente de seu valor para os seres humanos, direito ao respeito e cuidado.

A conscientização ecológica é um fator inibidor do empobrecimento social, pois a democracia não se funda somente na liberdade dos cidadãos, mas também em sua igualdade, pois sem a justiça social na igualdade das condições de vida acaba morrendo o bem público. A biosfera do planeta terra é, todavia, o ambiente vital limitado de todos os seres.

Observa-se, pois, que os animais e as plantas mais frágeis morrem de ano a ano, a poluição atmosférica destrói a camada de ozônio e aquece o clima uma vez que não se muda nem a economia nem o modo de vida. Assim, torna-se necessário que se garanta a verdade da terra como sujeito de direitos, sendo

²⁴ Quando o clube de Roma publicou, em 1972, “Os limites do crescimento”, surgiu o termo ecológico meio ambiente. MOLTSMANN, 2014, p. 51.

²⁵ MOLTSMANN, 2014, p. 53.

preciso criar as condições para que isso penetre na consciência coletiva, mesmo com obstáculo causado pelo desordenado processo de globalização é necessário refletir sobre novas formas de incorporar a globalização. Não bastam apenas termos nova mente ecológica com a cosmologia que a sustenta e acompanha. O desafio consiste em como socializá-la e internalizá-la nas pessoas de forma que inspirem comportamentos ecológicos, trata-se de um desafio pedagógico.

Na percepção de Leonardo Boff ²⁶

Como o velho paradigma que atemorizava, contrapunha e isolava o ser humano do universo e da comunidade dos vivos, penetra por todos os poros em nossa vida e criara uma subjetividade coletiva adequada a suas instituições, assim o novo paradigma ecológico também deve formar novas subjetividades e se introduzir em todas as instancias da existência, da sociedade, da família, dos meios de comunicação e das instituições educativas para gerar um novo homem e uma nova mulher planetários, solidários cosmicamente e sintonizados com a direção global do processo evolucionário. Grito da terra grito dos pobres.

Conclusão

Ao estudar a teologia sob o prisma da comunhão ecológica mundial é necessário ter presente o plano mais profundo do pensamento de Moltmann e Boff, orientado escatologicamente, centrado em Cristo, aberto ao Espírito, dialogável e histórico libertador, na relação de Deus com o mundo. O artigo acenou para a densidade destes temas e buscou a reflexão sobre as questões ecológicas à luz da presença de Deus na doutrina ecológica da criação.

Moltmann e Leonardo Boff revelam um pensamento teológico amadurecido com as experiências de fé e de vida, consagrados cristãmente, visando à preocupação com os problemas atuais. O paradigma central da libertação dos seres humanos e de toda a criação, em relação às forças alienadoras,

²⁶ Boff 2015, p.263.

radica-se no horizonte teológico de Cristo. Ele é, por excelência, o revelador da salvação. Os autores apresentam elementos teórico-doutrinários da teologia da criação que podem ajudar a resolver os problemas da crise ecológica na modernidade.

Iniciando com indagações dos autores sobre o sentido que o mundo tem em relação à criação e a Deus, a reflexão ateuve-se à crise ecológica mundial e aos fatores determinantes de sua propagação. Os dois teólogos sustentam que o pensamento iluminista, as correntes filosóficas, socialistas e marxistas, como também a teologia cristã, colaborou na exploração da natureza.

Se a teologia reconhece a necessidade de repensar o tema da criação na atualidade, esta reflexão implica articular a fé, as ciências naturais e tecnológicas e o imaginário cultural humano. A teologia ecológica da criação está centrada na imagem de Deus criador, do Espírito vivificador – em sua comunicação, abertura e doação – e do Messias, o Filho de Deus encarnado. Tudo o que existe está envolvido, inter-relacionado nos outros.

As questões levantadas pelos dois autores tornam-se relevantes, uma vez que, tem-se como foco, uma mudança de consciência ecológica visando a uma sustentabilidade menos agressiva ao ecossistema. Essas reflexões ampliam os horizontes de uma doutrina ecológica da criação, possibilitando a de interferência política e consciente em uma visão que tenha, como foco, uma economia sustentável e inter-relacionada com a natureza.

Referências

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 6. ed. São Paulo: Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres?* São Paulo: Vozes, 2015.

MOLTMANN, Jurgen. *Ciência e sabedoria: Um diálogo entre ciência natural e teologia*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jurgem. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOLTMANN, Jurgem. *No fim, o início: Um breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jurgem. *O Espírito da vida: Uma pneumatologia integral*. São Paulo: Vozes, 2010.

MOLTMANN, Jurgem; BASTOS, Levy. *O Futuro da criação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

MOLTMANN, Jurgem; BOFF, Leonardo. *Há Esperança para a criação ameaçada?* São Paulo: Vozes, 2014.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia sistemática*. São Paulo: Paulus, 2015.